

EDITORIAL

A nova linha de ação dos sem-terra no Rio Grande do Sul visa à criação de um sentimento de terror, nos moldes do que foi instaurado no Vale do Paranaíba há alguns anos. Para tanto, eles se valem de um “disfarce”, por trás do nome da Via Campesina, já que o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) ficou manchado por atos radicais e criminosos em território gaúcho. O local escolhido para as primeiras ações foi a Fazenda Coqueiros, em Coqueiros do Sul, onde já houve sete invasões.

Depois disso, uma nova onda de ataques às empresas florestais e propriedades tomou conta do Rio Grande do Sul, no início deste mês de março. O alvo agora foram áreas de reflorestamento. Além de visar as terras de quem produz e viver às custas dos impostos pagos pelos brasileiros que trabalham, os sem-terra querem tirar a possibilidade de empregos de muitos e oportunidades de crescimento de nossa economia. Está muito difícil conter as ações de brutalidade e afronta do MST.

Há um ano, já havíamos tido um prenúncio do que viria pela frente. Neste mês de março, completou-se um ano de destruição do Horto Florestal Barba Negra da Aracruz, em Barra do Ribeiro. Mulheres ligadas ao MST esconderam-se, de forma covarde, mascarando-se como delinquentes com lenços vermelhos para acabar, em poucos minutos, com pesquisas de muitos anos em melhoramento de eucalipto. Para marcar o Dia Internacional da Mulher de 2006, estufas e cerca de 1 milhão de mudas de eucaliptos foram destruídas, assim como um laboratório de melhoramento genético. O prejuízo calculado pela direção da empresa chegou a 6 milhões de dólares, sem contar as décadas de pesquisa perdidas.

Mais que o horto, as mulheres “campesinas” mancharam a imagem da mulher gaúcha. Descaracterizaram a força de quem trabalha – no campo e na cidade –, cria seus filhos, muitas vezes é chefe de família e referência em suas comunidades. Como Isabel Gonçalves, pesquisadora do horto florestal da Aracruz, que não conteve as lágrimas ao chegar para trabalhar no dia 8 de março de 2006 e perceber que toda a pesquisa que havia desenvolvido nos últimos anos estava perdida. São mulheres batalhadoras, fortes, líderes e inovadoras, que nem por isso perderam a sensibilidade e a feminilidade. Para estas mulheres, em especial as produtoras rurais, a Farsul rende sua homenagem neste 8 de março, Dia Internacional da Mulher. A homenagem foi simbolizada com uma placa inaugurada na Aracruz pelas integrantes da Comissão de Produtoras Rurais da Farsul.

Um Diógenes no Alegrete

Blau Souza*

É uma figura desafiante a de Antônio Saint Pastous de Freitas. Nasceu no Alegrete em 11 de fevereiro de 1892, filho de Manoel Bicca de Freitas e Arminda Saint Pastous. Fez os estudos primários na cidade natal e os secundários, no famoso Ginásio N. S. da Conceição, dos jesuítas, em São Leopoldo, quando conviveu com Jacintho Godoy, João Neves da Fontoura, Álvaro Moreira... Formou-se em medicina na Faculdade de Porto Alegre em 1914 e fez cursos de aperfeiçoamento no exterior. Passou os anos de 1921 e 1922 na Europa, 1933 nas capitais do Rio de Janeiro e 1941 nos Estados Unidos. Sempre buscou a excelência na sua formação médica e participou da transição da supremacia francesa para a americana, na medicina. Cedo, consagrou-se como médico e pecuarista na sua cidade natal, mas sua inquietude não respeitava horizontes. Especializado em clínica médica, passou a dedicar-se à radiologia e à cancerologia em Porto Alegre. Tornou-se catedrático de clínica médica da Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1935, foi diretor desta Faculdade e reitor da Universidade de Porto Alegre nos anos de 1943 e 1944. Dirigiu o Hospital Moinhos de Vento e foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Porto Alegre, precursora da AMRIGS. Chegou à Academia Nacional de Medicina e é o patrono da Cadeira 4 da Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina.

Como médico participou ativamente das revoluções de 1923 e de 1930 e, sobretudo

em 1923, foi importante na manutenção dos cuidados aos feridos sem distinção de lado. No Combate do Ibirapuitã, desafiou Flores da Cunha, que acabara de perder o irmão Guilherme, e assegurou atendimento a maragatos feridos e que conduzia em seu próprio carro. Em 1930, ajudou no envolvimento da Faculdade de Medicina com a revolução e na instalação de hospital de sangue em Jaguariyva, dirigido por Elyseu Paglioli e onde atuou até o professor Carlos Wallau.

Sentado na Praça Dr. Saint Pastous, penso nos amigos Luiz Antônio e Jacinto, médicos e netos dele e de Jacintho Godoy, contemplo o prédio da FARSUL, que ele amou e presidiu, e penso nos homens de vida plena, de alma grande. Saint Pastous reconhecia nos animais bem mais do que instintos e na Posto Velho tornou-se um amigo do Diógenes.

Mas foi nas relações com a terra, com a natureza, que ele mais se afirmou como líder ruralista, escritor, sociólogo, conferencista, sem jamais deixar de ser médico. Ecologista temporão, fez campanhas nacionais pela modernização da agropecuária, pela produtividade em propriedades menores, assistidas por estrutura e banco cooperativos. Teve como companheiros de pregação figuras como Rubem Berta e Assis Chateaubriand. Escreveu livros e manteve coluna no Diário de Notícias em Porto Alegre, sempre defendendo posições de vanguarda, mas que não apagavam sua sensibilidade de pai,

avô e de homem do Posto Velho, sua propriedade rural no Alegrete. Além das muitas conferências, pronunciamentos, trabalhos científicos e ensaios esparsos, deixou *Páginas da Vida*, crônicas para o Diário de Notícias e que passaram a figurar num de seus livros, que guardou o nome da coluna e foi publicado em 1972. Antes disso, publicara dois livros que se constituem em textos básicos para a produção primária no Estado e que nos seus títulos encadeados mostram a evolução e o amadurecimento do autor. Assim, em 1953 surgiu *O Homem e a Terra - A Caminho da Evolução Pecuária* e, em 1963, também pela Editora Globo, *A Terra e o Homem*.

Sentado na Praça Dr. Saint Pastous, penso nos amigos Luiz Antônio e Jacinto, médicos e netos dele e de Jacintho Godoy, contemplo o prédio da FARSUL, que ele amou e presidiu, e penso nos homens de vida plena, de alma grande. Saint Pastous reconhecia nos animais bem mais do que instintos e na Posto Velho tornou-se um amigo do Diógenes. Claro que ele conhecia o grego, mas o Diógenes a que me refiro era um burrico, semovente de suas terras. Solto no campo, o burrico o identificava entre os campeiros e o provocava. Então, Saint Pastous apeava e fazia alguns afagos no burrinho, que recostava sua cabeça no peito do amigo. De outro escritor e a respeito de um outro burro, ele repetia: “Só não era gente porque não falava, mas, seus olhos tinham sabedoria, e no miolo das pupilas guardava o segredo do próprio mundo”.

* Médico e escritor

EXPEDIENTE



FARSUL
 Presidente:
 Carlos Rivaci Sperotto
 Vice-presidente:
 Gedeão Silveira Pereira
 Diretor Administrativo:
 Francisco Lineu Schardong
 Diretor Financeiro:
 Jorge Rodrigues

SENAR-RS
 Presidente:
 Carlos Rivaci Sperotto
 Superintendente:
 Eduardo Delgado
 Chefe Divisão Administrativa:
 Carlos Alberto Schütz
 Chefe Divisão Técnica:
 Taylor Favero Guedes

JORNAL SUL RURAL
 Diretor: Décio Rosa Marimon
 Jornalista responsável:
 Marcela Duarte (MTB 9.870)
 Fotos: Fabrício Barreto, Luiz Ávila e arquivo
 Colaboração: Alessandra Bergmann
 Circulação Mensal
 Tiragem: 30.000 exemplares

Administração, redação e comercial: Praça Saint Pastous, 125 - Fone: (51) 3214.4400
 Fax: (51) 3221.9113 e-mail: sulrural@farsul.org.br - Porto Alegre/RS - Cep 90051-170